**I.**

**Presidente da Comissão Europeia elogia Portugal por desempenho durante crise económica. Neste MAGAZINE EUROPA vamos olhar para as declarações de Jean-Claude Juncker, que esteve em Portugal a convite da Presidência da República.**

**E este ano o Prémio Sakharov foi para a oposição democrática da Venezuela. Um reconhecimento pela luta pela liberdade no país... Mas uma escolha que não foi consensual no Parlamento Europeu.**

**Ainda nesta edição: Eurodeputados defendem embargo à venda de armas à Arábia Saudita.**

**II.**

Bem-vindos ao Magazine Europa.

"O desempenho português é um dos mais impressionantes". Foi assim que Jean-Claude Juncker retratou a recuperação económica de Portugal. O presidente da Comissão Europeia, que esteve no país a convite do presidente português Marcelo Rebelo de Sousa elogiou o sacrifício dos portugueses. Admitiu que este deveria ser reconhecido por outros europeus.

**Jean-Claude Juncker, Presidente da Comissão Europeia**
*O povo português e aqueles que dirigiram ou dirigem o país fizeram esforços consideráveis. Claro que isso exigiu aos portugueses esforços individuais a que os outros europeus não atribuem um valor justo. Quero prestar aqui homenagem aos numerosos portugueses que contribuíram para este esforço nacional, para este esforço colectivo dos portugueses.*

O líder do executivo comunitário disse que Portugal está no bom caminho e que a União Europeia sempre fez o que tinha de ser feito, mesmo durante a *troika*. Nesta entrevista à RTP, Juncker falou ainda sobre aquela que considera a maior ameaça ao projecto europeu.

**Jean-Claude Juncker, Presidente da Comissão Europeia**
*Penso que a maior ameaça é o nacionalismo. Urge fazer tudo para que a Europa tenha peso e o nacionalismo é um veneno que impede*

*a Europa de agir em conjunto para pesar no curso dos assuntos mundiais.*

Connosco, ao telefone a partir de Bruxelas está Victor Ângelo, comentador residente do Magazine Europa e consultor internacional baseado na capital belga.

Victor, o presidente da Comissão Europeia disse ainda nesta entrevista dada a Paulo Dentinho que Portugal deve ter um papel central no seio da União Europeia. Que papel poderá ser esse?
*Eu creio que Jean-Claude Juncker foi diplomático, porque na realidade Portugal tem desempenhado um papel importante, mas é sempre difícil desempenhar um papel central na União Europeia, tendo em conta que, por um lado, há países muito mais poderosos e com uma voz muito mais forte dentro da União Europeia e, por outro lado, Portugal tem estado muito focalizado na resolução de alguns dos grandes desafios que se têm colocado ao povo português. Mas é evidente que é importante que Juncker frise a necessidade de uma participação mais activa, uma participação que se ouça do lado português e isso se acontecer será sempre bem visto até porque Portugal não se vai alinhar com nenhum bloco dentro da União Europeia e vai certamente produzir uma opinião e um tipo de sugestões mais neutro.*

O que pode ser feito para travar a vaga de nacionalismos exacerbados de que Juncker falava?
*Por um lado, estou de acordo com Jean-Claude Juncker quando ele diz que os nacionalismos são a maior ameaça ao projecto europeu. Também creio que é importante frisar que um dos grandes adversários da União Europeia, a Rússia, investe bastante no desenvolvimento dos nacionalismos europeus, com o objectivo de fragmentar a União Europeia. Por um lado, há que denunciar, digamos assim, o facto de que o nacionalismo tem conduzido historicamente a Europa a confrontações e a guerras. Por outro lado, há que também sublinhar que o papel da Rússia tem de ser um papel de boa vizinhança e não um papel de fomento de divisões dentro da União Europeia. Também há que continuar a frisar que a União Europeia não pode servir de bode expiatório quando as políticas nacionais não funcionam, porque neste momento temos assistido a uma tendência de os políticos, os líderes de cada um dos estados-membros onde há problemas, dizerem que esses problemas resultam de medidas tomadas em Bruxelas e não das más políticas que esses políticos tentam implementar.*
*Por isso, há todo um conjunto de narrativas, há todo um conjunto de explicações, há todo um trabalho de comunicação social que é preciso fazer.*

Victor, e a situação na Catalunha não ficou fora desta entrevista. Vamos ouvir declarações de Juncker:

**Jean-Claude Juncker, Presidente da Comissão Europeia**
*A Europa não tem um papel a desempenhar no conflito evidente entre Barcelona e Madrid. Cabe aos espanhóis resolverem este problema. E eu não gostaria que amanhã, depois de amanhã, a União Europeia se compusesse de 95 países diferentes. Aí perderíamos o controlo.*

Declarações feitas numa altura em que a Catalunha declarou a independência. Victor, Espanha está a viver um impasse...
*Temos de ser muito prudentes na maneira como tratamos a questão da Catalunha, temos de ser o mais objectivos possível, porque estamos a tratar de uma questão que é profundamente emotiva, que é a questão da independência de um povo, aquilo a que um povo considera ser a sua maior aspiração. A verdade é que a posição dos países-membros da União Europeia no que diz respeito à Catalunha foi determinante no processo que está em curso, ou seja, os líderes catalães ficaram extremamente surpreendidos por não haver nenhum país europeu que tivesse manifestado qualquer tipo de apoio à ideia da independência da Catalunha. A outra grande variável que tem influenciado a questão do processo tem sido o facto de que mais de 1500 empresas abandonaram a Catalunha e transferiram a sede dessas empresas para outras partes do reino espanhol. O terceiro grande aspecto é a maneira como Madrid vai intervir na gestão directa da região. Até agora tem sido uma intervenção mínima, muito moderada e é fundamental que continue a ser desse tipo. Mas há problemas, e um dos grandes problemas que vamos encontrar nesta semana é o problema da acusação contra o presidente do Governo regional da Catalunha, Puigdmond, de que ele tentou subverter a constituição, entrar num processo de sedição e isso evidentemente pode de novo levar a grandes manifestações populares na Catalunha.*

Ainda nesta entrevista, Jean-Claude Juncker disse que espera uma Europa mais solidária e deu o exemplo dos incêndios em Portugal que começaram num Domingo e o primeiro avião de ajuda europeia chegou na terça-feira. Disse que não quer uma Europa assim. São declarações, aliás, que vêm ao encontro de ideias discutidas no congresso da Comissão dos Episcopados da Comunidade Europeia, que este ano tinha como tema: 'Repensar a Europa: contribuição cristã para o futuro da União Europeia'. Este congresso abriu com um alerta para a necessidade de "renovar o projecto europeu". Quais são presentemente os maiores desafios da Igreja no continente europeu?

*É evidente que a Igreja Católica já não desempenha na Europa o papel que desempenhava no passado, ou seja, na maior parte dos países as correntes democratas-cristãs desapareceram da vida política. Praticamente o único país onde a Igreja Católica ainda tem muita influência é a Polónia. Também há uma grande preocupação e esse é outro grande desafio que a Igreja Católica tem pela frente, uma grande preocupação com o peso das comunidades islâmicas na vida europeia, e, nomeadamente, com o surgimento nalguns países da Europa e sobretudo nos países de grande imigração do Islão político. De qualquer modo, eu li o discurso do Papa Francisco, ele levanta questões fundamentais, nomeadamente a questão das pessoas, que a Europa tem que ser uma Europa das pessoas e não uma Europa das estatísticas, uma Europa dos números, e das taxas e dos grandes princípios, mas dos grandes princípios que se esquecem das pessoas. Ele também levanta a grande questão que é o que significa ser europeu, fala bastante do diálogo, da inclusão, da solidariedade, do desenvolvimento e da paz, ou seja, ele volta a lembrar-nos que há um conjunto de princípios fundamentais que têm a ver com valores europeus, mas que também são valores partilhados por outros povos, mas na Europa fazem parte da definição da personalidade europeia. Também foi interessante que o papa ao falar da União Europeia lembrou-nos que a Europa é um pouco mais vasta do que a União Europeia, porque ele falou da Europa que vai do Atlântico aos Montes Urais, do Pólo Norte ao Mediterrâneo. Lembrou-nos novamente que o grande futuro da Europa é a integração de todos os estados que fazem parte deste espaço geopolítico.*

**III.**

**E este ano, o prémio Sakharov para a liberdade de pensamento foi para a oposição democrática da Venezuela. O Prémio, atribuído pelo Parlamento Europeu, reconhece a luta pela liberdade. Foi recebido com aplausos, mas também gargalhadas, como conta Andrea Neves da Antena1.**

*["A conferência de Presidentes dos Grupos Políticos decidiu atribuir o Prémio Sakharov 2017 pela liberdade de pensamento à oposição democrática na Venezuela".*
*O anúncio de Antonio Tajani foi muito aplaudido pela maioria do parlamento europeu, mas houve quem não concordasse com o que o presidente estava a dizer.*
*"Não há uma cor política".*
*A candidatura da oposição democrática venezuelana foi apresentada pelo grupo do Partido Popular Europeu e pelo grupo da Aliança dos Liberais e Democratas pela Europa, mais ao centro, mais à direita. Mas a reacção e as gargalhadas exaltaram Antonio Tajani.*

*"Peço que respeitem a vontade da maioria do Parlamento. Nunca é de rir quando se fala de milhões de pessoas crianças que morrem de fome. Nunca é de rir quando se fala da defesa dos direitos humanos"*
*Reposta a normalidade, ou quase, o presidente do Parlamento Europeu explicou a opção pela oposição democrática na Venezuela.*
*"Hoje apoiamos a luta de um povo pela sua liberdade, recordando o nosso total apoio à Assembleia Nacional da Venezuela, parlamento eleito democraticamente. O único parlamento eleito democraticamente. Mas queremos também lançar o apelo para uma transição pacífica e democrática e para a criação de um corredor humanitário que permita a ajuda ao sofrimento de um povo".*
*O prémio Sahkarov da liberdade de pensamento tem o valor de 50 mil euros e será entregue em Dezembro, em Estrasburgo.]*

O Parlamento Europeu disse ainda que queria recompensar a coragem dos estudantes e políticos que lutam pela liberdade e enfrentam um governo repressivo. Que significado tem a atribuição do prémio Sakharov à oposição democrática da Venezuela?
*É um prémio importante, é um prémio que chega numa altura em que é fundamental promover o diálogo entre as partes na Venezuela, é um prémio também que chega num momento em que a oposição na Venezuela está muito dividida. A oposição na Venezuela está fragmentada, são cerca de 30 partidos que representam essa oposição. Em certa medida, o presidente Maduro, através de vários esquemas, conseguiu recuperar iniciativa, mas a verdade é que há problemas muito importantes de direitos humanos, há problemas muito importantes de liberdade de pensamento e de liberdade de acção das pessoas e também uma situação em que a economia está totalmente de rastos e que uma parte importante da população não consegue ter acesso aos bens de primeira necessidade.*

E na prática que impacto poderá ter um prémio como este?
*E na prática, o prémio deveria, digamos assim, fortalecer a oposição democrática e, em certa medida, enviar-lhes uma mensagem muito forte de que podem contar com o apoio da classe política europeia. E é evidente que esse tipo de apoios externos são muito importantes, mas também pode ser contraprodutivo, na medida em que o governo do presidente Maduro pode aproveitar o prémio Sakharov para dizer que está a tratar com uma oposição que é uma oposição pouco patriótica, que está vendida aos europeus e que não representa os interesses do povo venezuelano mas os interesses dos antigos poderes coloniais.*

**IV.**

**No Parlamento Europeu, quatro grupos políticos defenderam o embargo da venda de armamento à Arábia Saudita. Em causa está a intervenção militar no Iémen, que já fez milhares de mortos. Mais com a jornalista Sofia Jesus.**

Dados da Organização das Nações Unidas revelam que a campanha militar liderada pela Arábia Saudita no Iémen já fez pelo menos 10 mil de mortos. Há ainda 2.100 pessoas que perderam a vida devido à cólera e 20 milhões a precisarem de ajuda humanitária.
Esta intervenção militar, que pretende evitar o controlo do país pelos xiitas hutis, é a razão pela qual líderes de quatro grupos políticos do Parlamento Europeu defendem a imposição de um embargo à venda de armas à Arábia Saudita.
Numa carta dirigida à chefe da diplomacia europeia Federica Mogherini, a que o jornal britânico *The* Guardian teve acesso, os eurodeputados acusam a Europa de desprezar as próprias leis ao vender armamento àquele país.
Um acto que, segundo dizem, desafia um código de 2008 que define regras para a exportação de tecnologia e equipamento militar.
Mogherini pode agora propor um embargo à venda de armas, mas terá de contar com o apoio dos estados-membros, incluindo do Reino Unido, um dos maiores exportadores de armas para o reino saudita.

Victor, este conflito armado é descrito como "a maior crise humanitária do mundo". Não será esta razão para a União Europeia embargar a venda de armas à Arábia Saudita?
*A União Europeia não pode enquanto instituição tomar uma decisão de embargo. Poderia, por um lado, promover esse tipo de decisão no quadro das Nações Unidas. As Nações Unidas poderiam decidir por um embargo em relação à Arábia Saudita e em relação a todos aqueles que estão envolvidos no conflito no Iémen, mas a União Europeia não pode fazer por si própria, a não ser que consiga convencer os seus estados-membros a decidir que estamos na altura de pôr um ponto final às exportações de armas para a Arábia Saudita. A verdade é que a decisão de exportar armas é uma decisão que pertence a cada estado-membro. Essa decisão nunca foi transferida para Bruxelas. É verdade que também 48% dos deputados do Parlamento Europeu são contra o comércio de armas com a Arábia Saudita, mas a realidade é muito simples, a realidade é que nós temos países europeus que são grandes exportadores de armas para a Arábia Saudita, o mais importante deles todos sendo a França.*

Mas então o que é que a União Europeia pode fazer? É que estamos a falar da indústria de armamento...

*A realidade é muito clara, nós estamos a falar de uma indústria que pesa imenso na economia de vários países, mesmo de alguns países mais pequenos da União Europeia, como por exemplo a República Checa, que é um grande exportador de armas, sempre foi e continua a ser. Isto significa muitos empregos, significa uma fonte de receitas importante para o Estado e eu penso que nós vamos continuar uma política ambivalente e ambígua, no sentido de, por um lado, continuar a falar na necessidade de proteger os direitos humanos, na necessidade de evitar crises humanitárias, na necessidade de promover a estabilidade em diferentes regiões do globo onde há muita instabilidade e, por outro lado, vamos continuar a exportar armamento, armamento esse que é cada vez mais sofisticado, que é cada vez mais exigente em termos de tecnologias e que tem por trás deles, evidentemente, o apoio muito grande dos governos, porque isso significa um desenvolvimento industrial importante, significa emprego e significa evidentemente impostos.*

Connosco ao telefone Victor Ângelo, comentador do Magazine Europa.
E antes de terminar temos uma proposta cultural. Uma exposição em Paris sobre as origens do Dada, um movimento artístico subversivo com raízes em Zurique, na Suíça, e que nasceu durante a Primeira Guerra Mundial.
Através de trabalhos de poesia, colagens ou actuações, os artistas rejeitavam os valores tradicionais da civilização e apropriavam-se de formas artísticas de culturas não-ocidentais com raízes em África, Oceânia ou no continente americano.
A exposição no Musée de l´Orangerie apresenta trabalhos de vários artistas dadaístas como Hanna Höch, Sophie Taeuber-Arp e Hugo Ball.
Nós ficamos por aqui. Voltamos para a semana.

**[ficha técnica]**

Com edição e apresentação de Catarina Domingues, análise de Victor Ângelo e coordenação de Hélder Beja, Magazine Europa resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do projecto Jean Monnet Magazine Europa.
As opiniões aqui expressas não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia.
O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, co-financiada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus +Estamos no Facebook em Magazine Europa.